



Tecnologia substitui 'boia-fria' no campo, aponta professor da Esalq

Professor Carlos Eduardo Vian afirma que é figura em extinção

Felipe Poleti

felipepoleti@jppjornal.com.br

O trabalhador braçal nas lavouras - conhecido como 'boia-fria' - e que foi de fundamental importância na agricultura brasileira desde a década de 1980, pode ser considerada uma figura em extinção. A afirmação é do professor de Economia da Esalq/USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo) de Piracicaba, Carlos Eduardo de Freitas Vian. Segundo ele, esta situação acontece desde o final dos anos 1990, "quando teve o início da mecanização e a mão de obra no campo foi, paulatinamente, sendo substituída pela máquina".

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a partir dos anos 2000, a mecanização ganhou automação e mais uma onda avançou na substituição do emprego braçal na agricultura e, no ano passa-

do, o Brasil colheu safra recorde de grãos. "Na contramão do avanço de produção e produtividade, o número de empregos no setor caiu. Nos últimos cinco anos, o recuo foi de 1,9%. Em 2012, eram 19,7 milhões de pessoas empregadas no agronegócio brasileiro. No ano passado, foram 18 milhões de carteiras assinadas no setor", mostra o instituto.

Em recente entrevista ao **JP**, o gerente do departamento Técnico-Agrônomo da Afocapi (Associação dos Fornecedores de Cana de Piracicaba) José Rodolfo Penatti, destacou que, em Piracicaba, a presença dos 'bóias-frias' nas lavouras da região vem diminuindo. "A mecanização das lavouras em Piracicaba está num patamar de 85%, sendo que as grandes empresas já estão quase com 100% dos seus campos mecanizados", disse, na época.

Para Carlos Eduardo, a chegada de novas tecnologias necessitou de uma mão-de-

-obra mais qualificada devido a mecanização e automação das lavouras. "A geração de emprego diminuiu, porém, a remuneração para o trabalho na lavoura ficou melhor. Apesar disso, o que se discute é o que fazer para dar emprego para quem saiu da lavoura devido a este processo. Vemos um processo de requalificação dentro de grandes empresas e muitas pessoas se mantiveram no setor, mas em outras atividades", disse.

"Nós vivemos um momento distinto onde até as pessoas mais treinadas podem ser substituídas pelas máquinas em um curto espaço de tempo devido a agricultura de precisão e o avanço de novas tecnologias, onde a máquina vai trabalhar sozinha. Em contrapartida, a topografia brasileira exige que em determinados campos a máquina ainda não possa ser empregada e o uso do trabalho se faz necessário", apontou o professor da Esalq/USP.

